

AS DOMINANTES NA TRADUÇÃO BRASILEIRA DO ZIBALDONE, DE LEOPARDI

THE DOMINANTS IN THE BRAZILIAN TRANSLATION OF LEOPARDI'S ZIBALDONE

Andréia Guerini*

Universidade Federal de Santa Catarina

Anna Palma* *

Universidade Federal de Minas Gerais

Tânia Mara Moysés***

Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

Este artigo propõe mostrar algumas das estratégias da tradução em português brasileiro do *Zibaldone di pensieri* (1817-1832), de Giacomo Leopardi (1798-1837). Uma das teorias que orientam a tradução é a de Peeter Torop (2010), que destaca a escolha das dominantes do texto da tradução como parte da estratégia tradutória. Tal escolha está estritamente relacionada à identificação das dominantes do original, a qual decorre de uma atenta análise, orientada a individualizar os elementos que o caracterizam e determinam a sua poética. No caso específico do *Zibaldone*, as dominantes da tradução brasileira podem ser consideradas como variantes que são ajustadas e revistas à medida que procede a tradução. Isso se deve à peculiaridade dessa obra de Leopardi, ao número de participantes da atividade tradutória e ao fato de que a tradução será publicada em várias etapas *on-line* (<<http://www.zibaldone.cce.ufsc.br>>), assumindo, por vários aspectos, as características de um texto “aberto” e em “movimento”.

PALAVRAS-CHAVE

Giacomo Leopardi, tradução, *Zibaldone di pensieri*

No Brasil, Giacomo Leopardi é ainda pouco traduzido, mas não desconhecido. Um dos primeiros a “traduzi-lo” indiretamente em português foi o nosso maior escritor, Machado de Assis (1839-1908), já que em um dos seus mais célebres romances, *Memórias*

* andreia.guerini@gmail.com

** floripalma@gmail.com

*** taniamoyses@uol.com.br

póstumas de Brás Cubas (1881), no capítulo VII, intitulado “Delírio”, encontram-se evidentes referências leopardianas que remetem ao “Diálogo da natureza e um islandês”. Ainda que a presença leopardiana, nesse caso, pareça “dissimulada”, possui um importante significado porque Machado se refere, primeiramente, a Leopardi como prosador. Trata-se de uma escolha incomum, visto que, no Brasil, prevalecerá a tendência de privilegiar a produção poética leopardiana, o que se concretiza em numerosas traduções como, por exemplo, as realizadas por alguns poetas brasileiros do século 21¹ para a poesia mais famosa do poeta italiano, “O infinito”, escrita em 1819.

Se o poeta e o prosador já entraram no Brasil no século 19, faltava o ensaísta do *Zibaldone di pensieri*. Escrito entre 1817 e 1832 (o manuscrito pertence ao acervo da *Biblioteca Nazionale di Napoli* e compreende 4.526 páginas, numeradas pelo autor e referidas como “autógrafos”), o *Zibaldone* pode ser considerado o livro-contidente da obra de Leopardi, ideia referendada por sua fortuna crítica, que podemos resumir na expressão de Giuseppe De Robertis no ensaio “Dalle note dello *Zibaldone* alla poesia dei *Canti*”: “(...) a função daqueles milhares e milhares de pensamentos, inclusive referentes à poesia e ao nascimento dela, revela-se como uma potência plena de fascínio.”²

A primeira e única antologia do *Zibaldone* em português foi publicada em 1998, por iniciativa de Marco Lucchesi, organizador da bela edição *Giacomo Leopardi – poesia e prosa* para a Nova Aguilar, por ocasião das comemorações do bicentenário do nascimento do escritor de Recanati.

A tradução brasileira do *Zibaldone* nasce da necessidade de preencher, de modo integral, uma lacuna na divulgação da obra do autor ainda pouco conhecido como filósofo e pensador. A iniciativa de concretização da tradução brasileira é fruto da determinação de oferecer o imenso texto leopardiano a um público mais amplo e, portanto, de abrir novas possibilidades aos estudos comparados. Quando se fala de público, nesse caso, não nos referimos apenas ao brasileiro, mas, visto que se trata de uma publicação *on-line* e gratuita, pensamos em um público lusófono, de diversos países e culturas, além do Brasil e de Portugal.

É dentro da evolução linguístico-literária, presente na composição da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP³ cujos territórios cobrem 10.742.000 km², com cerca de 272,9 milhões de falantes –,⁴ que nos situamos com o português brasileiro que começa a abrigar o texto leopardiano do *Zibaldone*. A ideia de realizar uma versão *on-line* nasce do desejo de difundir a obra leopardiana e de ter a possibilidade de publicar a tradução progressivamente, em diversas etapas. Além disso, o nosso projeto de tradução permitirá, sempre que necessário, o retrilhamento mental e gráfico do espaço percorrido, tendo em vista o que podemos definir como suas três características principais:

¹ Para mais informações, ver MULINACCI. Além da sebe. “O Infinito” de Leopardi em tradução portuguesa; e RUSSO. *Um só dorido coração*. Implicazioni leopardiane nella cultura letteraria di lingua portoghese.

² DE ROBERTIS. Dalle note dello *Zibaldone* alla poesia dei *Canti*, p. LXVII. (Todas as traduções neste artigo são de nossa autoria.)

³ CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa).

⁴ The 100 Most Spoken Languages on the World.

- 1) Trata-se de um trabalho coletivo que conta com a sinérgica multiplicação das contribuições dos membros da equipe, em etapas bem definidas mas, obviamente, passíveis de alterações.
- 2) O meio de divulgação é *on-line*, em edição bilíngue, com a possibilidade de escolher visualizar, ou não, o texto original para leitura em sincronia e em comparação com o texto traduzido.
- 3) Como consequência dos dois primeiros aspectos, propõe-se a tradução como uma obra “aberta”, permitindo novas intervenções no texto traduzido a qualquer momento, sempre que elementos sugeridos a partir de novas perspectivas propuserem uma revisão da dominante e, portanto, a (re)escrita de algumas partes da tradução.

A tradução é considerada “aberta” inclusive sob o ponto de vista do como são desenvolvidas as várias fases, já que, depois da tradução de uma determinada quantidade de “autógrafos”, passa-se ao trabalho de revisão realizado por outros componentes do grupo de trabalho, sem interrupção do processo de tradução principal, que será continuado em uma sucessiva seleção de páginas. Trata-se, portanto, de uma atividade tradutória em que as várias fases do processo se apresentam em um *continuum*, sem uma efetiva interrupção na passagem de uma à outra, evidenciando a qualidade de “abertura” fundamentada, justamente, em seu caráter de dinamicidade.

Mas com que critérios poderemos “hospedar” um texto cuja complexidade é indiscutível e que para muitos, como para Pietro Citati, parece ser uma tarefa não apenas difícil, mas até quase impossível, devido à qualidade da prosa e pela riqueza das alusões ocultas? Como “hospedar” em português um “pensamento em movimento”, como o define Sergio Solmi (no ensaio introdutório ao volume de 1983),⁵ ou um “pensamento poetante”, como o caracteriza Antonio Prete?⁶ Como fazer para receber e conter, em português brasileiro, esse caos escrito, ao mesmo tempo constelação e cosmo?

Uma das teorias que orientam o nosso projeto é a de Torop,⁷ na abordagem sobre a questão das dominantes e da respectiva função na essência do processo tradutório. As escolhas e as estratégias tradutórias levarão em conta também outras traduções do *Zibaldone*, como a francesa,⁸ publicada em 2003, e, futuramente, a inglesa, cuja publicação está prevista para 2013.

Alguns autores como Ricoeur e Borges mostram que não existe um critério absoluto para definir o que é uma boa tradução. Tal observação, de caráter, podemos dizer, mais “idealista”, interliga-se com um processo mais pragmático, ou metacomunicativo, da tradução, como é o elaborado por Torop, que propõe um modelo universal de processo tradutório, aplicável a qualquer tipo de tradução. Durante tal processo, os tradutores devem, em primeiro lugar, estabelecer as estratégias tradutórias a serem seguidas com

⁵ SOLMI. *Il pensiero in movimento* di Leopardi, p. XXXI-XLVIII.

⁶ PRETE. *Il pensiero poetante*.

⁷ TOROP. *La traduzione totale*.

⁸ Para informações sobre as estratégias tradutórias e editoriais do *Zibaldone* em francês, ver: MATTIA. Leopardi tra letteratura e filosofia: lo *Zibaldone*.

base nos objetivos estabelecidos. Nessa fase, a individualização da dominante do texto a traduzir e, conseqüentemente, do texto traduzido, constitui uma etapa fundamental de todo o processo e depende da qualidade da análise tradutológica do texto a traduzir.

A dominante que, em alguns textos, pode ser mais de uma é muitas vezes utilizada pela crítica da tradução para delinear a validade do método e do estilo da tradução, por meio de um estudo comparativo entre a dominante do texto de partida (prototexto) e a do texto de chegada (metatexto), ou seja, da tradução. Para individuar a dominante, que pode ser definida como o nível do elemento sobre o qual se baseia a unidade do texto, não é suficiente a análise detalhada de um texto, mas, como afirma Torop, “a individualização da estrutura do mundo do texto”.⁹ Segundo o estudioso, tal objetivo pode ser sempre alcançado mediante a análise cronotópica, que ele prevê situada em três níveis: “o cronotopo topográfico, relacionado ao tempo e ao lugar de desenvolvimento do enredo; (...) o cronotopo psicológico, relacionado ao mundo subjetivo dos personagens [e] e o cronotopo metafísico, chamado também cronotopo da concepção autoral, relativo à interpretação do autor ou à sua mentalidade”.¹⁰ Essa abordagem cronotópica é mais estritamente ligada à tradução de textos de ficção, mas pode ser adaptável também a outros gêneros literários.

Embora a análise do texto a traduzir possa ser considerada uma atividade descrita a partir de certa objetividade, muitas vezes ocorre que a dominante de uma obra é individualizada de maneira diferente por mais leitores, críticos e tradutores, ou que o texto em análise apresente características pelas quais a unidade do texto pode ser encontrada em níveis distintos. Por esse motivo, na tradução brasileira do *Zibaldone*, de Leopardi, preferimos falar de dominantes e não de uma só dominante. Apenas quando a tradução estiver pronta, e no momento em que puder ser considerada como concluída, uma análise crítica poderá individualizar a dominante com a qual caracterizar toda a tradução.

Assim, em nossa concepção, as dominantes estão estritamente ligadas ao que Antoine Berman denomina a “letra do autor”, isto é, os elementos estilísticos e de conteúdo de um texto literário ou ensaístico. As dominantes, que são observadas e individualizadas na fase de leitura crítica do prototexto, durante a atividade tradutória já em andamento, podem ser reconsideradas em sua importância, cedendo lugar, por exemplo, para outros elementos percebidos apenas nessa fase como dominantes.

Nesse primeiro momento da tradução do *Zibaldone* em português brasileiro, estamos vivendo um aspecto muito positivo do trabalho em equipe, que é o confronto entre diversas opiniões, o que nos permite colocar em evidência alguns elementos dominantes que poderiam escapar no caso de um trabalho conduzido por um único tradutor. Embora possamos afirmar que as escolhas linguísticas constituem apenas um dos aspectos da unidade textual de uma obra, com o início da tradução do *Zibaldone* já estamos percebendo que a opção por um termo ou outro em português, para traduzir uma palavra que Leopardi utiliza como conceito, deve ser ponderada e levar em conta alguns desenvolvimentos futuros de um texto de grande complexidade. Um exemplo concreto

⁹ TOROP. *La traduzione totale*, p. 16

¹⁰ TOROP. *La traduzione totale*, p. 19.

é a palavra “vero”, sobre a qual ainda estamos discutindo, se seria preferível traduzi-la como “verdadeiro” ou “verdade”, ou “real” e, ao fazê-lo, é necessário analisar todos os casos em que Leopardi utiliza “verità” ou “reale”, para escolher a melhor alternativa. A esse propósito, Ricœur afirma que “a tarefa do tradutor não vai da palavra à frase, ao texto, à totalidade cultural, mas todo ao contrário: impregnando-se do espírito de uma cultura através de vastas leituras, o tradutor desce do texto à frase e à palavra”.¹¹

Em nossa tradução, a análise estilístico-linguística para a escolha da dominante é aprofundada à medida que a atividade avança, visto que a leitura em sentido “total” de uma obra tão vasta é praticamente utópica. Para reconstruir as escolhas estratégicas de uma atividade tradutória, o crítico da tradução utiliza com muita frequência a análise do paratexto presente na publicação. A escolha do paratexto é, de fato, estritamente relacionada à poética da tradução e aos escopos que os tradutores e as editoras predeterminam e isso se reflete sobre a escolha da dominante.

Quanto ao paratexto de nossa tradução, é oportuno esclarecer que o *Zibaldone*, geralmente definido como uma enorme coletânea de reflexões de variada natureza, não foi jamais publicado durante a vida do autor, mas, não por isso, o autor não organizou, de certa maneira, a sua apresentação. Ele mesmo dotou as páginas do *Zibaldone* de elementos que podem ser considerados paratextos, para facilitar a leitura do conjunto, dificultada, sobretudo, pelas características fragmentárias dos pensamentos recolhidos nos milhares de páginas, bem como pela grande variedade de temas. Trata-se dos reenvios intertextuais diretos, como citações de obras de outros autores através de precisas referências bibliográficas, ou reenvios internos do próprio *Zibaldone*, como os índices compilados pessoalmente por Leopardi, com base nos assuntos desenvolvidos naquelas páginas e destinados a facilitar-lhes a leitura (“Indice del mio Zibaldone di pensieri” – “Pensieri di varia filosofia e di letteratura” – “Polizzone a parte”¹²).

Na tradução, especialmente de uma obra literária, pensar sobre a produção de paratexto ou, utilizando a terminologia de Torop, de metatextos, isto é, de todos os tipos de textos que, de algum modo, falam da tradução e ajudam sua entrada e compreensão em outra cultura, faz parte, como vimos, da estratégia tradutória. Segundo Torop, uma tradução “total” seria aquela capaz de reduzir ao mínimo a diferença entre a memória textual do autor da obra e a do leitor, e isso é possível apenas quando a memória textual do tradutor está apta a tal intermediação. Isso não quer dizer sobrecarregar a tradução de notas e de outros textos adicionais, mas é preciso interpretá-lo como a capacidade de uma análise minuciosa da parte do tradutor, de modo a reconstruir a poética do texto que se dispõe a traduzir. Para que isso seja possível, segundo o teórico da Escola de Tartu, o tradutor deve identificar na obra literária as citações de outras obras ali presentes de maneira implícita ou explícita, sendo elas, por sua vez, “traduções” que o autor realiza dessas mesmas obras. A maior ou menor presença de tais citações ou reenvios e a maior ou menor facilidade com a qual o leitor e o tradutor os percebe depende de vários fatores, entre os quais: 1) as intenções do autor; 2) a

¹¹ RICCEUR. *Tradurre l'intraducibile*, p. 16-17.

¹² Anotações com uma lista de tópicos e as páginas nas quais esses se encontram.

capacidade do leitor e do tradutor para interpretá-los; 3) as diferenças culturais e/ou espaçotemporais entre autor e leitor e tradutor e assim por diante.

A poética de um texto, sobretudo literário, é também o seu discurso, ou melhor, o seu ritmo, a sua oralidade, que, por sua vez, podem ser pontuados por vários fatores e, a despeito de toda tentativa estruturalista, certamente não são de todo visíveis ou singularmente identificáveis em suas respectivas funções e na maneira como participam do sincretismo de uma obra. Um exemplo de poética e ritmo no *Zibaldone* pode ser perceptível pela frequência de termos e conceitos tratados, os quais, até o presente momento de nossa atividade tradutória, procuramos manter o mais próximo possível das ocorrências do original, respeitando principalmente a indexação criada por Leopardi no “Índice del mio Zibaldone”. Caso seja considerado necessário para a compreensão do leitor, esses termos e conceitos podem ser acompanhados de notas que lhes indiquem, por exemplo, a frequência e a importância dentro da obra integral.

Até o momento, a tradução brasileira do *Zibaldone* prevê os seguintes elementos paratextuais, que serão disponibilizadas na página inicial do sítio da tradução: 1) informações sobre o autor; 2) apresentação do *Zibaldone di pensieri*; 3) texto original da obra (que, nesse caso, funciona como paratexto); 4) notas dos tradutores.

No futuro, planeja-se inserir, como paratexto da tradução, os índices temáticos criados pelas tradutoras e pelos outros colaboradores, além da tradução dos índices fornecidos pelo próprio Leopardi, sempre por meio de recursos disponibilizados para o formato eletrônico que estamos utilizando, proporcionando ao leitor o acesso, em poucos segundos, a todas as páginas em que o mesmo tema é tratado. Agindo assim, procuramos realizar um trabalho provavelmente em sintonia com uma “intenção” do autor, visto que ele mesmo se preocupava em criar alguns índices com essa função precípua. De certo modo, tal possibilidade de leitura é um elemento dominante na poética da enciclopédica obra leopardiana, e pensamos em mantê-lo como dominante inclusive na tradução.

Com referência à análise estilístico-linguística a que aludimos anteriormente, na fase atual do processo tradutório, ela se constitui no aspecto gerador das maiores preocupações na individualização da dominante da tradução. Já mencionamos o problema para a tradução de conceitos tais como o concernente à palavra “vero” e retornamos a ela para mostrar um exemplo de nosso procedimento para definir em maneira mais unívoca o seu significado e para utilizar os resultados obtidos como suporte na escolha do termo correspondente em português. A existência de edições eletrônicas do *Zibaldone* em páginas da Web (www.classicalitaliani.it, www.liberliber.it e www.leopardi.it) e em CD-ROM, na edição de Ceragioli e Bellerini (2009),¹³ é de grande valia. Por meio dos instrumentos de busca, constata-se que a palavra “vero” aparece, com mínima variação na ocorrência, 793 vezes; “verità”, 426 vezes; e “reale”, 96. Considerando-se o contexto em que se apresenta na maior parte dos casos encontrados até o momento, o vocábulo “vero” foi traduzido como “verdadeiro”, porém, algumas vezes, pareceu-nos mais oportuno traduzi-lo como “real”.

¹³ LEOPARDI. *Zibaldone di pensieri*.

Esse tipo de escolha deve ser feito com atenção, pois o termo “vero”, como tantos outros, é considerado pelo próprio Leopardi como definidor de um tema fundamental nos fragmentos do *Zibaldone*. Aliás, em sua renomada edição crítica do *Zibaldone*, Giuseppe Pacella, ao estabelecer a cronologia dos pensamentos leopardianos, tributa às primeiras 100 páginas o mérito do anúncio de alguns temas principais que compõem o arcabouço do livro, tais como “a relatividade dos juízos morais e estéticos, o conflito entre natureza e razão, o amor-próprio, o egoísmo, o prazer, o tédio, o hábito”.¹⁴

Diante disso, antes de decidir que “vero” na língua portuguesa, em um específico contexto, é traduzido mais apropriadamente como “real”, é necessário consultar os índices leopardianos para não correr o “grave” risco de não considerar um elemento dominante indispensável para a singularidade da obra em questão. Quanto ao exemplo de “vero”, uma consulta ao “Indice del mio Zibaldone” revela que, com esse termo, Leopardi destaca a importância temática a que nos referimos. De fato, assim ele escreve: “Vero. Chi non ha l’animo capace del puro vero, non può ben conoscere il vero. 1961, 3. Vedi Immaginazione, quanto serva al filosofare, ec.”¹⁵

Outras palavras importantes no contexto dos escritos leopardianos, e sobre as quais devemos nos deter durante a tradução, são palavras sinônimas como:

- 1) “maraviglia” (137 casos) e “sorpresa” (28 casos);
- 2) “diletto” (108 casos) e “piacere” (659 casos);
- 3) “rimembranza” (26 casos), “ricordo” (32 casos) e “ricordanza” (28 casos);
- 4) “assuefazione” (321 casos), “abitudine” (86 casos), “consuetudine” (8 casos), “costume” (190 casos) e “abito” (161 casos).

Outro aspecto a considerar, e não menos importante, é o estilo linguístico de Leopardi, às vezes, muito elevado, às vezes, coloquial, sem contar as passagens de experimentação poética, isto é, de construção de poesia dentro do texto argumentativo. Tendo em vista seu caráter textual fragmentário, no *Zibaldone* os pensamentos são desenvolvidos, às vezes, em poucas frases, em outros casos, em duas ou mais páginas. Nos fragmentos mais longos, com frequência, alia-se à pontuação escassa uma mescla de frases coordenadas e subordinadas que tornam difícil a compreensão até para o leitor de língua italiana. Para os casos em que o estilo de Leopardi, na construção e montagem do *Zibaldone*, redundava em seus períodos mais complexos, optamos, em um primeiro momento, por valorizar como elemento dominante a legibilidade do texto traduzido. Assim, por vezes, em detrimento da preservação do ritmo original da “respiração” argumentativa de alguns fragmentos de texto, preferimos adicionar vírgulas ou pontos, de modo que o discurso possa ser compreendido mais facilmente, não para “simplificá-lo”, mas para tornar mais claros os períodos que nos pareceram excessivamente complicados.

Ao determinar as estratégias de uma tradução, relacionadas justamente à individualização de uma ou mais dominantes, é fundamental a definição do leitor modelo a quem é destinada. Para a nossa tradução, pensamos em um público bastante vasto,

¹⁴ LEOPARDI. *Zibaldone di pensieri*, v. I, p. XIV.

¹⁵ LEOPARDI. *Zibaldone di pensieri*, v. III, p. 1206.

não apenas composto de especialistas. Por isso é importante não se esquecer de tornar explícitas ao leitor as escolhas feitas em detrimento do estilo do original e o motivo pelo qual foram feitas.

Para as notas e os comentários, elementos do paratexto da tradução, seguiremos as seguintes linhas gerais: serão inseridas notas do tradutor todas as vezes em que a tradução poderia causar estranhamento no leitor (por exemplo, a utilização de uma palavra que em português já está em desuso), ou para indicar a presença de citações que fazem referência a outros textos de Leopardi ou de outros autores que dificilmente o leitor conseguiria individualizar por si, e em todos os outros casos em que elementos de cultura geral não são de domínio universal em português, ou seja, quando não for possível localizar o significado de um termo, ou a identidade de um personagem citado, ou um determinado movimento literário, etc., desde que não existam fontes em português de larga difusão que possam trazer os esclarecimentos necessários. As notas sobre a tradução serão publicadas em artigos separados e/ou no prefácio à obra completa, o qual poderá ser acessado no mesmo sítio da tradução. A utilização da internet, com a possibilidade de inserção de *links* que poderão sucessivamente se multiplicar em infinitos reenvios e páginas, permitirá que o paratexto da tradução *on-line* do *Zibaldone* possa ser constantemente atualizado e ampliado, sem limitação de tempo e, sobretudo, de espaço.

O nosso projeto prevê três tradutoras principais e vários revisores e consultores, e isso destaca um aspecto já mencionado, isto é, a pluralidade das dominantes, que se deve inclusive ao fato de que a percepção da dominante de um texto a traduzir é, em grande parte, um acontecimento muito pessoal, pois a análise de um texto não é outra coisa que uma leitura aprofundada. Como cada leitura não pode ser considerada a única válida, será por meio das sucessivas revisões que as várias escolhas tradutórias, moldando-se uma com a outra, convergirão para o texto final, ou seja, o texto mais “convicente”, segundo as diversas vozes envolvidas na tradução.

Isso não quer dizer que se trata simplesmente de um trabalho intuitivo. Pelo contrário, ao defender as próprias escolhas diante dos demais integrantes do grupo, é que cada tradutor ou revisor, à luz das próprias competências no campo da tradução, deve demonstrar e justificar as suas escolhas com base nas dominantes da tradução colocadas em evidência pela equipe até aquele momento.

Assim, as sugestões teóricas na definição das nossas estratégias tradutórias provêm das diversas experiências teóricas das tradutoras envolvidas no projeto do *Zibaldone* e, como Leopardi e Torop (e outros citados nesse trabalho), também os conceitos expostos por Italo Calvino contribuem para as nossas escolhas. Algumas contribuições, advindas de seu longo trabalho como editor e revisor de traduções, insistem na manutenção do “espírito do autor” e estão na base da nossa proposta de tradução, tais como:

- a) manter o caráter “estrangeiro”, quando estimulador da curiosidade do leitor, bem como quando indicativo de características pessoais do autor traduzido;
- b) trabalhar a tradução por meio de “palavras-chave” do autor traduzido, para que o leitor possa se habituar ao “uso particular e múltiplo” de palavras que tornam continuamente;

- c) consultar especialistas para termos e expressões histórico-filosóficos ou culturais, com atenção para seu uso particular por parte do autor traduzido.¹⁶

Para concluir, gostaríamos de destacar novamente como o trabalho em equipe pode ser profícuo para ajudar nas escolhas das dominantes, a dirimir dúvidas, a melhor discutir determinadas escolhas com as perdas e vantagens decorrentes, em busca de, como afirma Umberto Eco, “dizer quase a mesma coisa”.¹⁷ Esperamos que os procedimentos aqui apresentados nos façam chegar a uma tradução que seja a mais próxima possível ao texto do *Zibaldone di pensieri*, evitando ao máximo possíveis “erros”, em prol da “exatidão” dos conceitos.

A grande preocupação de Leopardi, que é também a de Jorge Luis Borges, e será também a nossa na tradução brasileira, é a qualidade estética do texto. Procuraremos manter o “espírito” do estilo leopardiano para chegar o mais próximo possível da mediação na preservação do texto de partida (paratexto) no texto de chegada (metatexto), pois essa, a nosso ver, é uma das principais contribuições de Leopardi para os Estudos da Tradução e, por consequência, para a tradução do *Zibaldone*.



ABSTRACT

This paper proposes some guidelines for the Brazilian Portuguese translation of *Zibaldone di pensieri* (1817-1832) by Giacomo Leopardi (1798-1837). One of the theories that guide the translation is Peeter Torop's theory (2010), which highlights the choice of the dominants in the translated text as part of the translating strategy. This choice is strictly related to the identification of the dominants from the original text, which stems from a careful analysis, aimed at distinguishing the elements that characterize it and determine its poetics. In the specific case of the *Zibaldone*, the dominants of the Brazilian translation can be considered as variants that are adjusted and revised as the translation proceeds. This is due to the peculiarity of this work by Leopardi, the number of participants in the translational activity, and the fact that the translation will be published on line in various stages (<www.zibaldone.cce.ufsc.br>), assuming by several aspects the characteristics of an “open” text and in “movement”.

KEYWORDS

Leopardi, translation, *Zibaldone di pensieri*

¹⁶ CALVINO. *Lettere* (1940-1985), p. 1014-1016.

¹⁷ ECO. *Dire quase la stessa cosa*.

REFERÊNCIAS

- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra Ou o albergue do longínquo*. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BORGES, Jorge Luis. *Obras completas*. Buenos Aires: Emecé, 2008.
- CALVINO, Italo. *Lettere (1940-1985)*. A cura di Luca Baranelli. Introduzione di Claudio Milanini. Cronologia a cura di Mario Barenghi e Bruno Falchetto. Avvertenza di Luca Baranelli. 2. ed. Milano: Mondadori, 2001.
- CITATI, Pietro. Zibaldone, così Leopardi ha scritto il libro infinito. *La Repubblica*, 6 ago. 2009. Disponível em: <<http://ricerca.repubblica.it/repubblica/archivio/repubblica/2009/08/06/zibaldone-cosi-leopardi-ha-scritto-il-libro.html>>. Acesso em: 29 out. 2011.
- CPLP – COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <<http://www.cplp.org/>>. Acesso em: 12 dez. 2011.
- DE ROBERTIS, Giuseppe. Dalle note dello *Zibaldone* alla poesia dei *Canti*. In: LEOPARDI, Giacomo. *Zibaldone di pensieri*. Milano: Mondadori, 1983. p. XLIX-LXVII. v. I. 1516 p.
- ECO, Umberto. *Dire quase la stessa cosa*. 4. ed. Milano: Bompiani, 2003.
- GUERINI, Andréia. *Gênero e tradução no Zibaldone de Leopardi*. São Paulo: Edusp; Florianópolis: UFSC/PGET, 2007.
- HAUY, Amini Boainain. Origem e formação da língua portuguesa. In: SPINA, Segismundo (Org.). *História da língua portuguesa*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.
- LEOPARDI, Giacomo. *Zibaldone di pensieri*. A cura di Giuseppe Pacella. Milano: Garzanti, 1991. v. I, II, III.
- LEOPARDI, Giacomo. *Opúsculos morais (Operette morali)*. Apresentação de Carmelo Distante. Tradução e notas de Vilma de Katinszky Barreto de Souza. São Paulo: Hucitec/ Instituto Italiano de Cultura/Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1991.
- LEOPARDI, Giacomo. *Poesia e prosa*. Organização de Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.
- LEOPARDI, Giacomo. *Zibaldone*. Traduit de l'italien, présenté et annoté par Bertrand Schefer. Paris: Allia, 2004.
- LEOPARDI, Giacomo. *Zibaldone di Pensieri in CD-ROM*. A cura di Fiorenza Ceragioli e Monica Bellerini. Bologna: Zanichelli, 2009.
- LEOPARDI, Giacomo. *Tutte le poesie, tutte le prose e lo Zibaldone*. A cura di Lucio Felici e Emanuele Trevi. Roma: Newton Compton Editori, 2010.
- LEOPARDI, Giacomo. *Zibaldone di pensieri*. Disponível em: <http://www.classicitaliani.it>; <www.liberliber.it>; <www.leopardi.it>. Acesso em: 21 dez. 2011.
- MATTIA, Francesca di. Leopardi tra letteratura e filosofia: lo *Zibaldone*. Disponível em: <<http://www.railibro.rai.it/articoli.asp?id=365>>. Acesso em: 21 dez. 2011.

- MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- MULINACCI, Roberto. Além da sebe. “O infinito” de Leopardi em tradução portuguesa. *Cadernos de Tradução* 23, Florianópolis: PGET/UFSC, 2009, p. 97-129. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/12202/11457>>. Acesso em: 21 dez. 2011.
- PRETE, Antonio. *Il pensiero poetante*. Milano: Feltrinelli, 2006.
- PRETE, Antonio. Antonio. *All'ombra dell'altra lingua: per una poetica della traduzione*. Torino: Bollati Boringhieri, 2011.
- RICCEUR, Paul. *Tradurre l'intraducibile*. A cura di Mirela Oliva. Traduzione e studi di Mirela Oliva. Roma: Urbaniana University Press, 2008.
- RUSSO, Mariagrazia. *Um só dorido coração*. Implicazioni leopardiane nella cultura letteraria di lingua portoghese. Viterbo: Sette Città, 2003.
- SOLMI, Sergio. Il pensiero in movimento di Leopardi. In: LEOPARDI, Giacomo. *Zibaldone di pensieri*. Milano: Mondadori, 1983. p. XXXI-XLVIII. v. I.
- TOROP, Peeter. *La traduzione totale*. Traduzione di Bruno Osimo. Revisione della traduzione di Ksenija Eliseeva. Milano: Hoepli, 2010.
- THE 100 Most Spoken Languages on the World. Disponível em: <<http://frankherles.wordpress.com/2009/06/28/the-100-most-spoken-languages-on-the-world/>>. Acesso em: 12 dez. 2011.